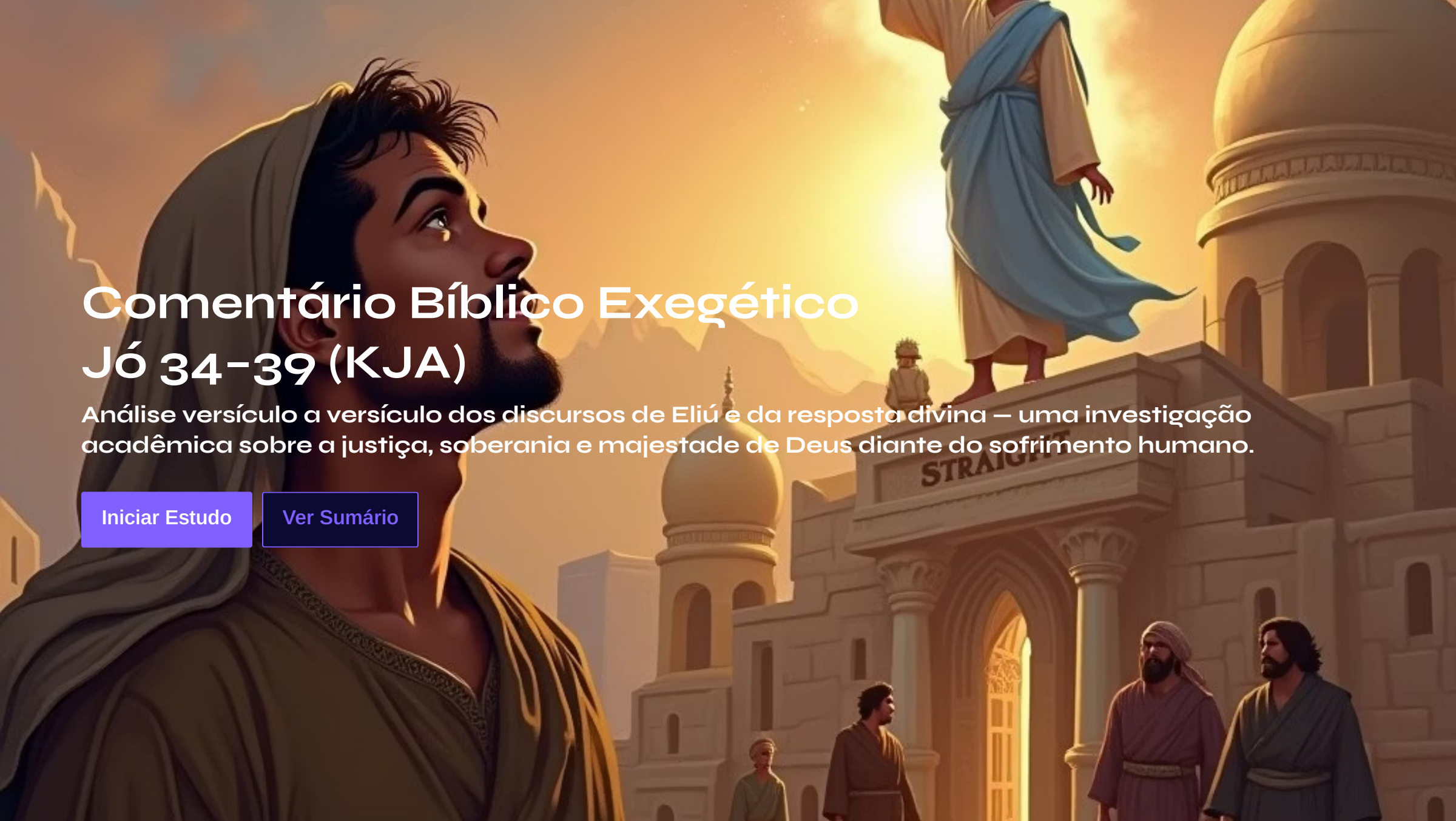




Comentário Bíblico Exegético

Jó 34–39 (KJA)

Análise versículo a versículo dos discursos de Eliú e da resposta divina — uma investigação acadêmica sobre a justiça, soberania e majestade de Deus diante do sofrimento humano.

[Iniciar Estudo](#)[Ver Sumário](#)

Introdução Geral aos Capítulos 34–39

Os capítulos 34 a 39 do livro de Jó representam um dos momentos mais teologicamente densos de toda a literatura sapiencial hebraica. Neste bloco narrativo, o discurso de Eliú ocupa os capítulos 34 a 37, funcionando como uma ponte essencial entre o extenso diálogo humano e a majestosa resposta direta de Deus a partir do capítulo 38.

Contexto

Eliú defende a justiça e soberania de Deus diante das acusações implícitas de Jó, apresentando argumentos teológicos que superam os demais amigos.

Transição

Os capítulos formam a transição entre o diálogo humano e a teofania — a resposta de Deus falando do meio do turbilhão, em Jó 38.

Objetivo

Compreender a justiça divina frente ao sofrimento humano, reconhecendo que os caminhos de Deus transcendem a razão finita do homem.

Jó 34:1–3 — Eliú se Dirige aos "Sábios"

Texto Base (KJA)

"Ademais, Eliú respondeu e disse: Ouvi minhas palavras, ó sábios; e vós que tendes conhecimento, prestai-me atenção. Porque o ouvido prova as palavras, como o paladar prova a comida." (Jó 34:1–3)

Análise Exegética

A abertura de Eliú é deliberadamente retórica. O apelo aos "sábios" (*ḥākāmîm* em hebraico) carrega uma ironia velada, pois os três amigos de Jó — Elifaz, Bildade e Zofar — haviam sido declarados insatisfatórios por Deus. Eliú invoca a sabedoria como critério de julgamento, não a autoridade pessoal.

A metáfora do paladar (*ḥēk*) compara o discernimento espiritual ao discernimento sensorial, sugerindo que a verdade deve ser **experimentada e verificada**, não apenas proclamada.

Jó 34:4-15 – Deus é Justo em Todas as Suas Ações

Eliú constrói aqui um dos argumentos mais robustos do livro em defesa da imparcialidade divina. Ele contrapõe diretamente as queixas de Jó (cf. Jó 9:22-24), onde Jó afirmara que Deus trata o inocente e o ímpio da mesma forma.

v. 10 – Impossibilidade da Injustiça Divina

"Longe esteja de Deus a perversidade, e do Todo-Poderoso a iniquidade." A natureza ontológica de Deus exclui qualquer possibilidade de injustiça — não por limitação, mas por essência.

v. 12-13 – Lei da Retribuição

Eliú afirma que Deus retribui ao homem conforme suas obras. Este princípio (*lex talionis* divina) é a base da ética sapiencial hebraica, embora o próprio livro de Jó complexifique sua aplicação mecânica.

v. 14-15 – Sustentação da Vida

Se Deus retirasse seu espírito e fôlego, toda carne pereceria. A soberania divina sobre a vida humana é absoluta — argumento que prepara o leitor para a teofania do capítulo 38.

Jó 34:16–17 — Desafio Direto a Jó



Análise Exegética

Eliú lança perguntas retóricas de força crescente: *"Acaso aquele que odeia a justiça poderia governar?"* (v.17). Trata-se de um *argumentum ad absurdum* — a ideia de que Deus seja injusto é logicamente incompatível com sua própria natureza de governante soberano.

Este versículo prefigura com notável precisão a censura divina registrada em Jó 40:8, quando Deus pergunta a Jó: *"Invalidarás tu também o meu juízo? Condenar-me-ás a mim, para te justificares tu?"* A teologia de Eliú, embora imperfeita em outros aspectos, aqui antecipa o próprio argumento divino.



Nota Teológica: Eliú é o único dos quatro interlocutores humanos que não recebe reprovação explícita de Deus ao final do livro (Jó 42:7–8).

Jó 34:18–22 — Onisciência e Vigilância Divina

"Porque os seus olhos estão sobre os caminhos de cada um, e ele vê todos os seus passos. Não há trevas nem sombra de morte, onde se possam esconder os que praticam a iniquidade." — Jó 34:21–22 (KJA)

Este bloco representa um dos textos mais ricos da teologia da onisciência divina no Antigo Testamento. O termo hebraico *ʿênāyw* ("seus olhos") é empregado em sentido totalizante — a visão de Deus não tem ângulo morto, não é parcial nem seletiva.



Onisciência Moral

Deus conhece não apenas os atos externos, mas as motivações internas de cada ser humano, tornando impossível qualquer forma de hipocrisia diante dele.



Vigilância Protetora

A mesma visão que expõe o ímpio também protege o justo. A onisciência divina é simultaneamente julgamento e amparo, dependendo da condição moral do observado.



Imparcialidade Absoluta

Reis e príncipes não escapam ao escrutínio divino (v.18–19). A posição social não confere imunidade diante da justiça de Deus — argumento radical para o contexto do Antigo Oriente Próximo.

Jó 34:23–28 — Deus Ouve o Clamor dos Aflitos

Contexto Exegético

Eliú responde à acusação implícita de Jó de que Deus ignoraria os necessitados e oprimidos. Os versículos 24–26 descrevem a ação divina de derrubar os poderosos sem prévia investigação — pois Deus já conhece todas as coisas.

O versículo 28 é especialmente significativo: *"De modo que faziam subir diante dele o clamor dos pobres, e ele ouvia o clamor dos aflitos."* O verbo hebraico *šāma* ' ("ouvir") implica não apenas percepção auditiva, mas **atenção ativa e resposta concreta**. Deus não é indiferente ao sofrimento humano — ele age no tempo oportuno segundo sua sabedoria soberana.

Paralelos Bíblicos

- Êxodo 3:7 — "Eu vi a aflição do meu povo"
- Salmo 34:18 — "Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado"
- Lucas 18:7 — A parábola da viúva e o juiz injusto
- Tiago 5:4 — "O clamor dos segadores chegou aos ouvidos do Senhor"

Jó 34:29-30 – A Quietude de Deus e Sua Justiça

"Se ele aquietar, quem inquietará? E se esconder o rosto, quem o contemplará? Seja contra uma nação, seja contra um homem somente."
— Jó 34:29 (KJA)

O Silêncio Divino como Ato Soberano

O silêncio de Deus não é ausência nem abandono — é uma expressão de sua soberania insondável. Eliú argumenta que mesmo quando Deus parece inativo, sua quietude é em si um ato de governo providencial sobre nações e indivíduos.

Implicação Teológica para Jó

A resposta à questão de Jó sobre o silêncio divino diante de seu sofrimento está precisamente aqui: Deus não deve satisfações ao homem sobre o calendário de suas intervenções. A confiança na soberania deve preceder a compreensão dos caminhos divinos.

Jó 34:31–37 – Conclusão de Eliú e Crítica a Jó

Eliú encerra seu segundo discurso com uma avaliação severa das palavras de Jó. O versículo 34 declara que os homens entendidos diriam que Jó fala "sem ciência" (*belî-da 'at*). Esta não é apenas uma crítica pessoal, mas uma avaliação epistêmica: Jó ultrapassou os limites do que o ser humano pode afirmar sobre Deus com base na experiência pessoal.

v. 35 – "Sem Ciência"

As palavras de Jó são classificadas como discurso que carece de fundamento epistemológico adequado. O sofrimento, por intenso que seja, não confere autoridade para questionar a justiça divina.

v. 37 – "Acrecentou Rebeldia ao seu Pecado"

A insistência de Jó em exigir uma audiência com Deus é interpretada por Eliú como arrogância espiritual — um agravamento da situação que preparará o terreno para a teofania dos capítulos 38–41.

Função Narrativa

O discurso de Eliú serve como prefácio dramático para a resposta divina. Ele eleva as expectativas teológicas do leitor e prepara o terreno para a aparição de Deus no turbilhão.

Jó 35:1–3 — Eliú Responde às Queixas de Jó sobre Deus

Texto Central

"Eliú, além disso, respondeu e disse: Pensas tu que isso é justo, ou que disseste: A minha justiça é mais do que a de Deus?" (Jó 35:1–2)

A pergunta é um *reductio* — Eliú reduz a posição de Jó à sua consequência lógica mais extrema: afirmar que se é mais justo do que Deus.

Análise Teológica

O argumento central de Eliú nos versículos 1–3 é que as ações humanas — sejam pecados ou virtudes — não têm capacidade de afetar ontologicamente a Deus. O pecado não diminui Deus; a justiça não o engrandece. Deus está além do alcance das consequências morais humanas.

Este argumento tem raízes na teologia da transcendência divina e será retomado pelos profetas (cf. Is 40:13–14). A implicação prática é que Jó busca razões equivocadas para a sua relação com Deus — como se sua bondade fosse um investimento que merecesse retorno imediato.

Jó 35:4-8 — A Soberania de Deus e a Limitação Humana

"Olha para os céus e vê; e contempla as nuvens, que são mais altas do que tu." — Jó 35:5 (KJA)

Eliú emprega um argumento cosmológico simples, mas poderoso: a imensidão física dos céus é um símbolo da distância entre Deus e o homem. A transcendência divina não é uma barreira à relação com Deus, mas é um lembrete de que o ser humano deve se aproximar com **humildade e reverência**, não com exigências ou protestos.

v. 6 — "Se pecares, que lhe fazes?"

O pecado humano não afeta a integridade de Deus. Esta afirmação combate qualquer forma de teologia que coloque Deus como vítima ou dependente das ações humanas.

v. 7 — "Se és justo, que lhe dás?"

Da mesma forma, a virtude humana não confere benefícios a Deus. A obediência deve fluir do amor e temor genuínos, não de um cálculo de reciprocidade.

v. 8 — "A tua perversidade prejudica o homem"

As consequências morais das ações humanas recaem sobre a própria esfera humana. O pecado prejudica o homem e a comunidade — não a Deus.

Jó 35:9-16 – Deus Ouve o Clamor do Homem Justo

Eliú introduz aqui uma distinção crucial: Deus não responde ao clamor superficial que nasce do orgulho ferido, mas sim à oração genuína nascida da humildade e do temor a Ele. O "clamor" mencionado nos versículos 9–10 é aquele que busca o *alívio* da dor, mas sem reconhecer o *Doador* da força.

→ v. 9-10 – O Clamor Vazio

As pessoas clamam sob a opressão, mas não perguntam: "*Onde está Deus, meu Criador?*" O clamor que busca apenas conforto físico, sem busca espiritual, não encontra resposta divina plena.

→ v. 13-14 – Deus Não Ouve o Vão

A vaidade (*šāw'*) aqui implica a oração motivada por orgulho ou por um espírito de negociação com Deus, o que contradiz a essência da fé bíblica.

→ v. 16 – Palavras sem Entendimento

Eliú conclui que Jó multiplica palavras sem conhecimento — uma acusação que Deus mesmo repetirá em Jó 38:2, validando parcialmente o diagnóstico de Eliú.

Jó 36:1–15 — Eliú Exalta a Grandeza e Justiça de Deus

No capítulo 36, Eliú atinge o ápice de sua argumentação teológica. Ele apresenta uma teologia do sofrimento que vai além da simples retribuição: o sofrimento pode ser instrumento pedagógico e restaurador nas mãos de Deus.

O Sofrimento como Disciplina

Os versículos 8–10 descrevem Deus usando a adversidade para mostrar ao homem suas transgressões. Este não é um ato de crueldade, mas de **misericórdia corretiva** — similar à imagem do pai que disciplina o filho amado (Prov 3:11–12; Hb 12:6).

A palavra hebraica *mûsâr* ("instrução", "disciplina") permeia este bloco, revelando que Eliú entende o sofrimento como forma de comunicação divina com o ser humano.

A Resposta ao Sofrimento

O versículo 15 é chave: *"Ele livra o aflito na sua aflição, e lhe abre o ouvido na opressão."* O sofrimento, paradoxalmente, pode ser o momento em que o ouvido espiritual do homem se torna mais receptivo à voz de Deus.

Esta perspectiva antecipa a teologia do Novo Testamento sobre tribulações (Rm 5:3–5; Tg 1:2–4), revelando uma continuidade notável no entendimento bíblico do sofrimento redentor.

Jó 36:16–21 — Advertência Contra a Arrogância

"Guarda-te para não te voltares para a iniquidade; pois por isso foi que a prova do sofrimento te escolheu." — Jó 36:21 (KJA)



O Perigo do Orgulho Intelectual

Eliú adverte que o orgulho intelectual — a convicção de que se pode compreender e julgar os caminhos divinos — é um dos maiores obstáculos para receber a instrução de Deus. O sofrimento pode tanto aprofundar a fé quanto endurecer o coração, dependendo da postura do sofredor.



O Convite à Humildade

Os versículos 16–19 convidam Jó a não confiar em riquezas, poder ou inteligência como meios de escapar da aflição. Somente a humildade genuína diante de Deus abre o caminho para a compreensão de sua instrução e para a restauração plena.

Jó 36:22–33 — Deus como Criador e Sustentador

Eliú transita magistralmente da argumentação teológica para a contemplação da natureza como revelação divina. Este movimento retórico prepara diretamente o discurso de Deus do turbilhão, que começará no capítulo 38 com a mesma abordagem: a criação como argumento irrefutável da sabedoria divina.

v. 22 — Deus é Excelso no seu Poder

A soberania de Deus sobre a natureza — chuvas, trovões, relâmpagos — é apresentada como prova de seu poder superior a qualquer mestre ou instrutor humano.

v. 27–28 — O Ciclo das Águas

A descrição do ciclo hidrológico — evaporação, condensação e chuva — revela um conhecimento natural notável para a época e serve como metáfora da providência sustentadora de Deus sobre toda a vida.

v. 32–33 — O Trovão como Voz Divina

O trovão (*ra'am*) é apresentado como a voz de Deus anunciando sua presença e poder. Esta imagem reaparecerá dramaticamente na teofania do capítulo 38:1.

Jó 37:1-13 — O Poder da Voz de Deus na Natureza



Análise Exegética

O capítulo 37 representa o clímax do discurso de Eliú. A descrição das tempestades é elaborada com vocabulário poético de alta densidade — trovões, relâmpagos, neve, gelo e vento são catalogados como instrumentos diretos da vontade divina.

O versículo 13 sintetiza o propósito plural dos fenômenos naturais: *"Seja para castigo, seja para a sua terra, seja por misericórdia, ele o faz acontecer."* Deus usa a natureza para julgamento, instrução e graça — os mesmos propósitos que Eliú identificou no sofrimento de Jó.

📄 ⚡ **Nota Acadêmica:** A cosmologia de Eliú (caps. 36–37) apresenta paralelos com textos ugaríticos e mesopotâmicos que descrevem divindades do trovão, mas recontextualiza esses elementos dentro do monoteísmo ético hebraico.

Jó 37:14-24 – Contemplação da Majestade Divina

"Detém-te e considera as maravilhas de Deus... O Todo-Poderoso, que não podemos encontrá-lo; ele é excelente em poder, em juízo e em abundante justiça; não oprime a ninguém." — Jó 37:14,23 (KJA)

Eliú encerra seu discurso com um convite à contemplação — *‘āmad* ("detém-te, para e considera"). Esta pausa contemplativa é em si um ato teológico: reconhecer que diante da majestade divina, o silêncio reverente precede qualquer afirmação humana sobre Deus.

37

Capítulos de Eliú

Versículo final do discurso de Eliú — o mais longo dos interlocutores humanos de Jó

4

Discursos de Eliú

Eliú pronuncia quatro discursos (caps. 32–37), estruturados progressivamente do argumento à contemplação

O

Reprovações Divinas

Eliú é o único interlocutor humano não reprovado explicitamente por Deus no epílogo (Jó 42:7–8)

Jó 38:1–41 — Introdução ao Discurso Direto de Deus

O capítulo 38 marca um dos momentos mais dramáticos de toda a literatura bíblica: Deus responde a Jó *"do meio do turbilhão"* (*min-hassē 'ārāh*). A teofania não vem com uma resposta direta às perguntas de Jó, mas com um contra-interrogatório cosmológico de devastadora eficácia.

01

v. 1–3 — Deus Interpela Jó

"Onde estavas tu quando lancei os fundamentos da terra?" A primeira questão já desestabiliza epistemologicamente qualquer reivindicação humana de compreensão sobre os caminhos divinos.

03

v. 8–11 — O Mar e seus Limites

"Quem encerrou o mar com portas?" O controle divino sobre o caos primordial das águas é apresentado como prova de uma sabedoria que transcende infinitamente a capacidade humana.

02

v. 4–7 — A Fundação da Terra

A criação da terra é descrita com metáforas arquitetônicas — fundamentos, medidas, cornijas — revelando um Criador que age com precisão e intenção em cada detalhe do cosmos.

04

v. 31–33 — As Constelações

Plêiades, Órion e as câmaras do sul são citadas como testemunhas da soberania cósmica de Deus — fenômenos que o homem observa, mas não governa.

Jó 39:1–30 — O Controle Divino sobre os Animais

O Catálogo dos Animais Selvagens

Deus conduz Jó por um tour da criação animal: cabras montesas, jumentos selvagens, unicórnios, pavões, avestruzes, cavalos de guerra, gaviões e águias. Cada animal é apresentado com detalhes de comportamento e instinto que revelam uma sabedoria ordenadora infinitamente superior à humana.

O propósito retórico é claro: se Jó não compreende o comportamento das criaturas que vê cotidianamente, como poderia compreender — ou questionar — os caminhos do Criador dessas mesmas criaturas?

O Cavalo de Guerra (v. 19–25)

A descrição do cavalo de guerra é considerada pelos estudiosos uma das mais sublimes passagens de poesia zoolítica da literatura antiga. O animal que *"diz ai, ai"* e fareja a batalha de longe é apresentado como criatura que age pelo instinto que Deus lhe deu — sem questionar, sem protestar.

Animais Citados em Jó 39

- Cabras montesas e cervas (v. 1–4)
- Jumento selvagem (v. 5–8)
- Unicórnio / Boi selvagem (v. 9–12)
- Avestruz (v. 13–18)
- Cavalo de guerra (v. 19–25)
- Gavião (v. 26)
- Águia / Abutre (v. 27–30)

Cada animal ilustra um aspecto da sabedoria criativa e sustentadora de Deus — realidades que Jó contempla, mas não governa.

Conclusão e Reflexão Final

Os capítulos 34 a 39 de Jó formam um arco teológico extraordinário: do discurso apologético de Eliú em defesa da justiça divina à revelação direta de Deus na tempestade. O percurso exegético revela que a grande resposta ao sofrimento humano não é uma explicação racional, mas um encontro transformador com o Deus soberano.

A Transcendência Divina

A justiça e soberania de Deus transcendem o entendimento humano. Questionar Deus é legítimo; exigir que Ele se justifique é arrogância que o próprio Deus corrige.

O Sofrimento Pedagógico

O sofrimento pode ser instrumento de ensino e fortalecimento da fé — não como punição automática, mas como disciplina formativa nas mãos de um Pai sábio e amoroso.

A Resposta da Fé

A resposta madura ao sofrimento não é a resignação fatalista nem a revolta amarga, mas a confiança ativa na sabedoria de um Deus que tudo vê, tudo sabe e tudo governa com justiça perfeita.

"Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca procedem o conhecimento e o entendimento."

— Provérbios 2:6 (KJA)

Jônatas Silva da Cruz Teólogo

Comentário Bíblico Exegético — Série Jó | Versículo a Versículo